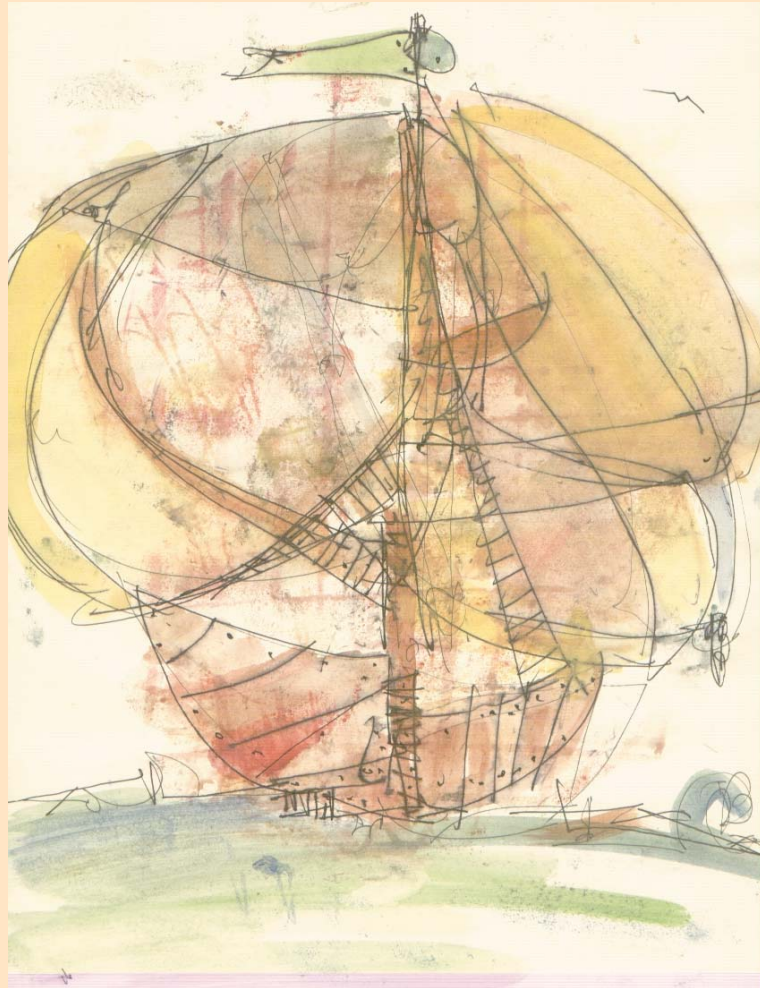


para apascentar



O tamanho do mundo

sebastião edson macedo







para  
apacentar  
o  
tamanho  
do  
mundo

© Sebastião Edson Macedo, 2006

© Oficina Raquel, 2006

Ilustração de capa  
Sebastião Edson Macedo

Produção, projeto e artesanato  
Oficina Raquel

Macedo, Sebastião Edson

para apascentar o tamanho do mundo  
Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2006.

115 p.

ISBN 978-85-906760-0-3

---

I. Poesia Brasileira 2. Sebastião Edson  
Macedo

Oficina Raquel  
[www.oficinaRaquel.com](http://www.oficinaRaquel.com)

“que este livro dure até antes do fim do mundo”

sebastião edson macedo

para  
apascentar  
o  
tamanho  
do  
mundo





# Índice

pórtico	19
<i>eu abro os rolos do vento no teu ouvido</i>	20
<i>passo o teu nome lavado em gérbera</i>	21
<i>chuva íntima</i>	22
<i>para pascentar o tamanho do mundo</i>	23
carmina carne	
mamilo	24
umbigo	25
lábio	26
perna	27
mãos	28
erótica natural	
as papaias	29
begônias	30
o pão	31
rubi	32
as pombas	33
a rosa em chamas	34
amêndoas secretas	35

ameixas de púrpura	36
língua	
i	37
ii	38
iii	39
iv	40
v	41
fracta musa	
diapasão	42
acústica	43
batuta	44
dinâmica	45
cadenza	46
madeiras	47
pastoras	48
camarinha	49
loas	50
bis musae	
i	51
ii	52
iii	53
carnavália – 3 máscaras	
arlequim	54
pilingrim	55
bailarim	56

no cemitério cristão	57
passeio seguido de táxi	58
périplo	59
com maffei no jewelry district	
los angeles ca	
i	60
ii	61
iii	62
retrato de albert stuckenbruch	
i ( <i>no segundo contralto</i> )	63
ii ( <i>na sala de sua mãe</i> )	64
uma coisa outra coisa	65
lagarta	66
escuta	67
<i>de guardar as coisas no olho</i>	68
o delfim	69
<i>ele vai</i>	70
<i>tomie ohtake</i>	72
firmeza	73
arte mimética	74
palavras amarrotadas	75
minima puella	76
<i>eu que não tenho fundo</i>	77

além do balé	78
poema para miza	79
folguedos	
i	80
ii	81
iii	82
iv ( <i>teatro dos fogoiós</i> )	83
v ( <i>cena particular</i> )	84
vi	85
vii	86
<i>embalaio o cheiro da reza</i>	87
<i>auroque que se tornou coisa nossa</i>	88
<i>esta acácia dura</i>	89
<i>liça de sol que eu desenho descalço</i>	90
o limoeiro	91
prosa de cumeeira	92
balança	93
bombaquim	94
<i>é um animal aflito</i>	95
<i>queria o tempo</i>	96
<i>depois das amendoeiras exaustas</i>	98
<i>quando for dar de beber à bromélia</i>	99
surpresa	100

<i>das fotografias não feitas</i>	101
arco	102
<i>deixe que depois sobrem folhas</i>	103
<i>cicio</i>	104
<i>o poema se extingue</i>	105
Posfácio	107
Afinal	111



para  
apacentar  
o  
tamanho  
do  
mundo



*para a natália  
temperança minha  
igniçãõ e morada*



## PÓRTICO

uma parte de ti eu reconheço porque se repete  
duas ou três cadeiras para a mesma janela  
um ou outro degrau de diferença  
na medida em que corres à prosa

mesmo assim tu insistes em te sentar diante do sol  
da água da flor da pedra  
insistes em dar uma cor ao momento como se  
bastasse a cadência  
bastasse de ti apenas a temperança  
o ouro

eu te pergunto se é esse o laurel  
e se tocas sempre assim aquilo que repartes em  
| sílabas  
e pássaro

porque outra parte de ti eu não posso suportar pela  
| ponta  
nem alcançar através do silêncio  
posto que não há silêncio quando tu abres o  
| caderno  
e arrastas as cadeiras  
na tua glosa escusa  
escusa

*eu abro os rolos do vento no teu ouvido*

e na flor muito lenta trabalho  
não o seu sentido para o perfume  
que invade o teu presente e te arrasta  
mas o seu poder de chão que permanece  
mesmo no vôo do pólen na raça  
do espinho  
e na couraça de água que desgarra e une  
muitos  
nossos dias  
cheios de urgências despertadas  
por estes mesmos perfumes  
súbitos anzóis

eu moro uma palavra em tua mão peregrina

*passo o teu nome lavado em gérbera*  
para o anel  
as duas mãos conduzidas ao leito  
da luz

*cantiga nova no trigo*  
*amiga e amigo quantos arcos*

eis o branco natural à pomba  
a sandália mais silvestre  
os bordões

aí trabalham os segredos do arroz  
meu nome soprado numa romã

alinhada às águas  
a seda recita nossos laços  
os mínimos olhos tornados a pétala  
o labor

*chuva íntima*  
navegando meus olhos dentro

espero na soleira quantos pingos

me ofereço papel  
bico de pena até passar

tenho para mim que benfazeja  
a aroeira que te vai guardando

hoje

eu junto as telhas  
palavras de panela no ouvido

*para apascentar o tamanho do mundo*  
e aderir aos avisos  
e suspender a invenção do dia seguinte  
tão franca a algazarra do sol  
nas crianças

só assim  
a noite pode ser simples  
e eu posso voltar  
as mãos  
para a temperatura que faz  
do lado de fora de quem somos

.....

chove

chove  
em inglês

## CARMINA CARNE

### MAMILO

a ponta livre  
num outeiro

pomo leve lilás

onde começo o mundo  
e pombo

adormeço ao redor

## CARMINA CARNE

### UMBIGO

capitel no bico da concha  
esse cacho  
tão ágata carícia

gravito de perto  
num bojo anel  
a pérola barroca

## CARMINA CARNE

### LÁBIO

abóboda tênder  
lisa  
    a polpa que pende  
reluzente botão  
em rosa  
    de mucosa tez



## CARMINA CARNE

### MÃO

contato límpida linha  
do traço ônix  
cru  
repousa sobre a pele  
minha  
opalina paz o teu calor



## ERÓTICA NATURAL

### BEGÔNIAS

begônias besuntadas de vermelho  
saturando múltiplos lábios

deltas  
até o talo estanque  
o músculo febre

bombas

latejando rubras abertas  
begônias grotas  
abismos  
botes  
de lubrifico intenso  
intacto

coral





## ERÓTICA NATURAL

### AS POMBAS

as pombas entre os pufes  
neste quase novo  
claro assaz  
de casimiras alvadias  
de pluma púbis tafetá  
as palomas  
núbeis  
possuídas com mechas  
ancas  
nuvens os vôos novelos  
nos abandonos ermos  
em sonos  
exaustos

## A ROSA EM CHAMAS

a rosa em chamas  
rubras  
entre pedras de desmaio e mato

não há um arco que prometa o seu perfume  
pólen  
servir à sustança do sol  
que lhe abre  
a rosa em chamas

só o disparo povoa minha face  
e dela se alimenta  
e nela arrefece

## AMÊNDOAS SECRETAS

soletra amêndoas secretas  
para que eu me deite em tua boca  
onde películas incendiadas  
e âmbar  
o meu fulgor

soletra  
que desmaiam orquídeas  
avançam vazantes no corpo  
levam

soletra  
para que eu descubra aonde  
e beba

## AMEIXAS DE PÚRPURA

brinco ameixas de púrpura  
a procurar uma brasa  
que invente selvas na tua nuca  
que entre as patas de um pássaro agudo  
se esconda e me escorra até o teto

brinco  
para acender teus pedidos  
teus códigos de urucum  
tua figa

ameixas  
que de púrpura rolem  
para dentro das palavras  
tua plumária exuda a minha mão

de púrpura  
que se anunciam relâmpagos maciços  
no estrondo amarro destes muitos  
todos os lábios

## LÍNGUA

i.

a língua vara lânguido silêncio  
líquens

o céu humo cerrado

embrenha bastos lábios amplexos  
nuas pérgulas pernas de quintal  
os cravos em carne  
e feno

ii.

lateja  
os bordões guardados na úvula  
as tiras de punho linho  
o óxido solo de girassóis  
grinaldas gritando amarelo  
amarelo  
contra escarlates de terra zarcão

iii .

lato

o suco tálamo troçar  
desce musgos troncos térmicos

sais

em dissolutos torques

arranques

surtos

o arbusto botão dessa nuvem

iv.

depois

açude

sobejam vestes

vimes

meias

escorrem os ósculos cantos

mucos alados

delidos

em linóleos pássaros de avelã

v.

a língua despe pele de palavra

amolada toca

mina

## FRACTA MUSA

### DIAPASÃO

asceta volúpia  
em densas oitavas

múltiplas

o som tempero  
na têmpora afiada

ponto cujo lá  
onde  
cores tangentes acordam

## FRACTA MUSA

### ACÚSTICA

assentos alerta  
ao corte súbito escuro

rumor em molas  
balas  
papéis

a concha silente tato  
na boca esþera

um bordão

## FRACTA MUSA

### BATUTA

donde se erguem  
rabiscos de volutas

donde se calam  
ares e mãos

donde a vez  
uma  
voz

## FRACTA MUSA

### DINÂMICA

grave esgrima  
contra a goela do naipe

golpe de arco

o cedro  
sangra na rima

## FRACTA MUSA

### CADENZA

prenda coragem  
dança  
no dorso espelho ébano

ébrio átimo ar  
hirto para fôlego  
touro  
os dedos  
depois espinho

o talo  
a tônica

## FRACTA MUSA

### MADEIRAS

fagote adormecido  
num descampado de pausas

secreto solo  
no colo

o olhar

## FRACTA MUSA

### PASTORAL

um broto de cordas  
do ermo sólido silêncio  
novelo ergue-se

só

cajado escala clave  
torvelinhos ornes  
pautas

nos agudos píncaros  
tímpanos

pássaros

## FRACTA MUSA

### CAMARINHA

gíria  
no batom  
de rara matiz  
  
um perfil do busto  
  
do lustro  
um triz



## FRACTA MUSA

### BIS MUSAE

i.

cavatina crina  
celo uníssono balé

na transparência do largo  
cacos

cardume

ii.

flocos de harpa  
a brisa breve cascata

cristais  
de borboleta oboé

iii.

improviso de chuva  
em cordas beliscadas

castanholas gotas

gotas

apressam-se libélulas piccolo

CARNAVÁLIA  
3 MÁSCARAS

ARLEQUIM

deambulante fole

foco

à cata de si

losangos zonzos passos

o pulmão balonê

lívido

vário

de fosco incêndio frevo

fuga confundindo

súbitos

na noite nanquim

CARNAVÁLIA  
3 MÁSCARAS

PILINGRIM

papoco frouxo  
vixe  
saco de pinote

o pé trepeça dando pio  
pó sarapintado  
troncho trote em revestrés  
e de través

e se escapole  
presto  
no sacolejo riso  
saltimbanco guizo sobre si



## NO CEMITÉRIO CRISTÃO

conhece o bililim?  
não

aquela torneira ali suspira meu sossego  
estou cheio de sede

ó o bililim na sombra

fico quieto  
exposto à chuva lenta das folhas

muito alta  
a montanha paira sobre o veraneio vento

eu  
bililim  
bebo  
o silêncio desta árvore

## PASSEIO SEGUIDO DE TÁXI

as figueiras sombras na tarde avançada  
cruzam sucessivas tranças de sol

*táxi*

cidade alambrado rumor  
misto silêncio passageiro  
no banco ausente de trás

## PÉRIPLO

mesmo folhas  
cogitando-se cachos  
nos arabescos do vento  
anoitece incógnito  
o itinerário das nuvens

COM MAFFEI NO JEWERLY  
DISTRICT LOS ANGELES CA

i.

desnecessária é  
a ti  
a sugestão dos guarda-chuvas  
porque desces a estes esquadros  
numa épica própria  
e justo no traje  
que te perdia de pronto

fuck off  
a solução dos cotovelos  
porque raios  
saltamos a nu  
hum mil bestiário e logo autobuses  
que não macadame  
encontrão

ii

a quem é dada  
a célere degustação  
dos assoberbamentos?

a ti  
a água brusca deixa em paz  
para o abismo muito anexo  
da minha cara rupestre  
assaz

iii

ouvimos demolição e porra ópera

ninguém se apropria de nada ninguém  
mesmo que nos veja nos vê

RETRATO DE ALBERT  
STUCKENBRUCH

i. (*no segundo contralto*)

sobrancelha em pouso arco  
no ponto cromo sol

ré

a gola tanto e rima  
traços de fá

frases retas

ventas de talvez  
depois

coda semibreve  
a nuca clave

sua crina

ii. (*na sala de sua mãe*)

acento selo de silêncio

têxtil

quase em sombra tom sofá

a fase sólida fronte

fresta

mapas

do vasto cílio vertido

onde líquido

um peixe olho de vida

vidro

## UMA COISA OUTRA COISA

uma coisa é esse poema agora  
chamar o meu amigo para dentro

muitas são as páginas da gameleira  
águas que se passam em mim

sei de alfazemas uma reza forte  
para desamarrar passarinho

e porque eu cato folhas na rua

outra coisa é abrir a casa  
deixar esse poema pra depois

## LAGARTA

abro no guarda-chuva  
um céu de borboletas elétricas

relâmpago  
  reflexo  
na gota madrepérola  
pupila  
a fogo

penetro o cobalto da rua  
num vôo de pura osmose

intenso solo  
sobre casulos de seda metálica

## ESCU'TA

escuta  
o aprendizado secreto que tu procuras

enquanto um pássaro  
outro é a cada encontro

rega ele  
cresce os teus ouvidos

assunta  
o tamanho do sol

*de guardar as coisas no olho*  
foi sempre diverso o meu sossego  
parágrafo às tarefas de notar  
já nem bem  
o que persevera

(sei que você aceitou a serra  
fechou as dúvidas com uma palavra  
com a outra teve sono)

ainda tão verde talvez  
branco o viço das mãos despertadas  
para o banho  
porque era num livro

sempre diverso o meu apego  
de tomar as coisas pelo peito  
apóstrofo ao brinqueado de olhar  
o que dura no que  
se desmantela

## O DELFIM

sonhei com o delfim  
e o delfim não eram palavras em linha ou  
| movimentos  
métricos  
num caudal  
meu deus o delfim era o menino escondido  
| no meu nome  
e sua respiração fosfórica  
enquanto aquecíamos as motocicletas junto  
| aos grafitos  
dos edifícios dentro exatamente  
o delfim  
era assim ígneo e só depois  
se tornou hábito  
e livro

.....

estia longamente  
em vez de adivinhar para onde nós vamos

*ele vai*  
ele alcança as palavras  
na figueira

sob ela há muitas sombras  
e é difícil vigiar quando crescem

ele deixa crescer  
ele ouve  
quão minúsculas são as alegrias da terra  
coladas à sua íngreme solidão

ele preenche  
ele precipita uma flor  
entre os medos

muitos deles lhe são íntimos  
e é bonito de ver quando arrefecem

ele vê arrefecer  
ele sorri  
qual maiúsculos são os favores do figo  
abandonados aos ermos da fala

ele cala  
ele significa

*tomie ohtake*

kyoto japão mil novecentos e treze  
sem título na trama demorada  
quase acrílica marcando grandes curvas  
gosto disso intenso entrar  
e sobre a fluência de sua tinta  
seu aquário pátina serena e azul  
que por perto vão as aves  
no ensejo óleo eu paio a nado  
a linha o solo ágrafo de novas funduras  
atravesso a casa cheia de faunos  
bebo um vaso de crisântemos

é uma coisa a dar charcos iluminados  
aos medos

*eu rezo muito  
jabaquara e tudo*

## FIRMEZA

na avalanche do galope  
há uma linha serena e forte

aonde ela vai dar não importa  
o cavalo interior vem de músculo e fogo

no ritmo do pulmão se arma um salto  
e é com fôlego que se aguarda a rocha

## ARTE MIMÉTICA

não és simétrico a tua escrita  
és simétrico a teu dia

faz de tua escrita escrever  
um eixo teu de simetria

## PALAVRAS AMARROTADAS

palavras amarrotadas de espera  
e em vez da nudez um lugar futuro

bastasse à pele alguma memória  
algum sinal  
depressa seria o esmero  
a construir pássaros pacíficos  
numa folha de papel

entretanto as crinas desse momento  
e em vez de tu uma arte escura

amanhecesse o quarto algum afago  
algum poema  
devagar seria a fala  
a descobrir contornos únicos  
num silêncio de hotel

## MINIMA PUELLA

i.

vestido canto de espera navegando na varanda

ii.

lavanda leve sandálias para percorrer páginas

iii.

uma ciranda moça amarrada no cabelo

iv.

livro íris de fina conta em colo e graça

v.

fivela beira catando cores de seio bordado

*eu que não tenho fundo nem posso ir através*  
vou lhe dizer algo que é mais do meu feitio

não interessa bem o que eu escrevo  
mas a paixão que me faz insistir em escrever

tenho passado a maior parte da minha infância  
nas águas claras de uma mulher frondosa

simples  
feito

## ALÉM DO BALÉ

rush na gameleira  
balbuciam pardais

da poltrona dos galhos  
a suspensão da tarde  
sem fundo

da margem  
do mundo  
o resumo do cais

## POEMA PARA MIZA

a gente adquire infância  
ouvindo a prosa vermelha das tias viúvas  
dando de comer às tias viúvas  
levando as tias viúvas para a beira da janela

a gente adquire nosso corpo tomando banho junto

dos versos verdes no açude santo  
do chão sapecado de conversa  
da correria pela parede

a gente adquire raiz

e pássaros

## FOLGUEDOS

i.

tochas abrirão a boca do céu  
o silêncio no pulmão das pedras

ouvirás parar os tambores  
verás balões máscaras  
quem cuspirá as estrelas  
ao navegar a pétala altitude

a rua  
bandeirolas repletas de sabão

juras pela calçada alheia  
se alguma  
toda a lua que desce deserta

ii.

na linha bem cheia  
ao longo da roda  
caminha o peixe tão cardeal  
náufrago do equinócio

a tarde foi atrás se há bicicletas  
uma constelação de casas acesas  
acenam-se as sombras  
nos balcões do solar

farfalha a arena de prendas  
eram redes no prumo do sol  
ora os amparos farelos  
os cantos

pestanas que têm as nuvens  
no veludo fundo exausto de anil

a noite começa quando  
sentado ao peitoril com os dois pés

iii.

colomba  
semente de seda  
brisa a púcara ave  
de frutas secas  
da flor ligeira entre os arcos de pedra

foge  
com pena que porcelana  
mascavo condão  
um fio

de organza eu ouço  
num gozo de puro cacho  
tacho  
e orquídea

iv. (*teatro dos fogoiós*)

as minhas filhas saem juntas  
e o leão de copas se regala no estandarte

as bodas do grão caçador ecoam em libra

já estão acesas as taças  
e o javali

ao lado

faz uma foto aqui desse moço  
e a meninada que se coagula na sombra do reino

v. (*cena particular*)

balido com nuvens pelo cerco das copas  
rumo o rio  
a encosta corada por novo resto de luz

são menino no beijo do poço  
contava ao peixe que sua argolinha uma vez

vi.

nesse pórtico aberto às aves lerdas do redor  
a claro  
as filigrinas do nosso tempo  
muito ramadas e perto do vento

parece que me digo tâmaras  
e amigas minhas filhas de fogo  
meu nome  
correm para receber

vii

mais cinco pedras  
um punhado de dentes maduros  
e outro cordão de algazarra  
a correr atrás da pirueta

*embalaio o cheiro da reza, sungo dou um nó  
três vezes pra garantir no chão o espinhaço do sol*

*eu vim de aqui e para aqui eu vou*

eu gravitando palavras em torno da noz  
e a noz apenas miúda castiça  
e eu ainda cadente no rente à fala gris

três vezes eu pedi o meu nome à rosa  
deixei os rastros para depois  
com a rama gorda pomba no braço

eu não conheci outra chuva nem cabaça  
nem na canoa eu esqueci se continua  
eu o mesmo trecho dessa roda

*para aqui eu vim e de aqui eu vou*

rezo aparo as escolhas digo qual é a face da lua  
três vezes pra surtir efeito embalaiar os rios abrir  
| a rosa

*auroque que se tornou coisa nossa*  
no boi selvagem quase súbito  
que primeiro eu desenhei pelo braço  
do lado de dentro de deus  
o bicho báculo dos pastos lá de casa  
que primeiro eu dei de mãos afoitas  
no sentido lírico de suas cerdas

auroque que era negro podia chamar de santo  
podia virar na madeira todo um mosto  
queria a terra apimentada a sarça de milho  
dizer a paciência que fortalece o salgueiro o adro  
diante do meu século o muque da matriz que  
parado no bojo exarcerbado do mesmo céu

auroque que afundou as meninas no seu basto  
que acodiu no arado as amarras do tempo  
para o val dos cabelos breves ariscos  
para dar as patas ao porto regaço de minha mãe  
e benzer a ciência de meu pai caminhando no

*esta acácia dura*  
deita abana  
é o amarelo mais dependurado que vistes  
a semana o açúcar mais grão de seresta

esta acácia concebe  
canta lava  
faz a chuva mais renitente que almejas  
a toalha o colar mais presente de família

porque passam os carros sopram velas telegrafam  
esta acácia hoje mais contigo  
a semana que soletraste nas pétalas  
este zelo confeitado de candura e véspera  
porque declaram calores e frutas  
sorriem provam do afeto

esta acácia anuncia  
estende tece  
tem a saúde mais arrojada que imaginas  
a sandália o portão mais perto da infância



## O LIMOEIRO

o limoeiro tem espinhos de leite e espinhos de  
armado que está de seus medos seus cascos | ferro  
um mesmo gesto à volta mirada e erma | voltados para o gesto  
vergando dois lugares dois braços e milhares  
rente você fica um charco de memória você | de espinhos novamente  
e o que arde são papilas arcaicas são teimosias | vê o seu sangue

## PROSA DE CUMEEIRA

no batente se recebe a chuva nova  
a braçada das nuvens aos montes atrás

e quando começa tem uma reza  
e quando cresce a gente repara

então é guardar as palavras em palhas longas  
cobrir os espelhos e as crianças pequenas

mais de noitinha tem folgança no céu  
pode escrever o que eu digo

## BALANÇA

o feirante, redondo aos leitões  
prega a manhã com chinelos e braços

a teta rosa que é a pomba toda  
e branca  
pousada no beijo da florista que tesa  
seus filhos de leite num cetim

depois  
a freguesa depressa do pai  
abrindo licença  
para a gravidez das melancias



*é um animal aflito*

um animal pequenino em sua aflição  
ou assim isolado em sua pequenez

eis um animal finito  
um animal ferido por sua finitude  
ou aí contido em sua ferida

eis um animal preciso  
um animal cristalino com sua precisão  
ou então reduzido a seu cristal

eis um animal sensato  
um animal intocável na sua sensatez

ou eis um animal intacto

*queria o tempo*  
esmiuçar-me dentro da cor muito piscina dos  
| teus olhos  
num mergulho de estar afoito inteiriço  
moreno de pertencer às madeiras apaziguadas  
| pela família  
esvoaçado ao meio  
entre elétrico e solar  
entre urgente e eterno  
quase qualquer peixe de centelha e avelã  
respirando tuas astrologias silenciosas pela tarde  
| dentro  
a baía embaralhada nos vidros do coração que  
| prossegue  
que presente o aterro desmaiando para dentro  
| do táxi  
enquanto cresce em mim a terra barroca a curva  
| branca  
de uma velocidade sem palavras para telefonar  
| imediatamente

queria o macio  
minuciosamente abrir as reticências uma a uma  
daquelas criaturas anunciadas por baixo do  
| perfume  
guardado junto ao nome volumoso do algodão  
sem importar qual é o caminho caligráfico a  
| que levam os pássaros  
se hidrossolúveis  
se arredios depois  
se mais confusos ainda o súbito no certo  
a sílaba carminácea no filamento de mel  
o sossego em torno da romã

*depois das amendoeiras exaustas*  
nascem pedidos de amarelo na terra

tu irás em pequenos bandos  
atender ao que aponta o meu olhar

irás derradeira notícia de que há uma canção  
nessa álgebra luz com sua clava necessária

é o vento moço que enche nossa boca de presságios?

as amendoeiras começam onde pousam rondas  
o teu olvido tão chamado às minhas iluminuras

a terra contenta a nossa quimera  
num exato rebento das folhas pelo chão

## QUANDO FOR DAR DE BEBER À BROMÉLIA

quando for dar de beber à bromélia  
esteja descalça e penteada  
ou pelo menos tenha ouvido a chaleira  
se alvoroçar antes do pio

você pode ter os anéis deitados no mármore  
mas isso depois do banho  
depois de vestir a calcinha

esteja mais perto do seu aniversário  
quando perceber a bromélia satisfeita  
quando atrás da orelha uma mecha  
você decidir que vai aparar

esteja podendo cantar um pouco  
esteja com seu homem em casa  
e uma carícia amiga  
à mão

## SURPRESA

dia quinze eu enchi bola  
eram azuis os líquidos da melodia que pendurei  
feito um pregão no ladrilho da manhã ainda menina  
o cordel com que amarrando cada gesto em seda  
embrulhei o livro

foi preciso correr com o telefone no pulmão  
para deixar tudo na mais perfeita porta

*das fotografias não feitas*  
dos telefonemas  
das ventanias  
quero te lançar aonde vão as águas  
na composição fronteira a meu afeto

fundo se faz o tempo da flor  
e tem o rio atravessado e veloz

dos objetos sobre a cama  
das texturas do amor  
das escolhas  
quero te plantar no meu repouso  
abrir os trabalhos do sol e só existir

enquanto fizer paisagens a tua voz  
colho nelas a importância de deixar crescer  
e mudar  
a embebedura que rega nosso silêncio

tu  
tu voltas o rosto de lado  
estás prestes a tomar o caminho de casa

## ARCO

rasgos pasmos  
palavra de pau na beira do precipício  
nele

abismo aberto com a mão

eu grito para parar do eco  
físsil aço  
ao bambo buraco em ponta cabeça

figa não pode suster

é de madeira e música o meu braço  
na minha veia

pita

só assim posso onde atravessar  
espinhos tufos pastos  
um teso trapézio fiado sem flor

mas meu amor  
e o arco?

*deixe que depois sobrem folhas*  
fendas

féculas em branco

que farfalhe o eco repente  
sombra silente de água alarida  
braços  
arfos grifos

deixe

deixe que se derrame bailarina bétula  
libélulas solem lívidos líquidos

no talo lânguido

sonâmbula foz

alfombras cobrem ancas do sumo pasto  
pomos na tinta lisa

lóbida

deixe que se declame  
ácida sílaba saliva

*cicio*

é o vento que se arrasta na figueira santa  
são as milhares de palavras que crescem  
| sozinhas no paço  
é a vírgula que faço quando sento a caminho  
| das folhas

sim  
cicio  
no sim de ser eu mesmo que cicio a santidade  
| do nada





## POSFÁCIO

SERGIO COHN

**E**xiste a arte de manter tenso o arco da atenção. Um estilo, quem sabe. Não para apascentar o que é tamanho, mas para despertar os sentidos que interessam ao mundo. É uma arte difícil. Qualquer palavra, se errada, impede todo equilíbrio. Por isso as elipses, os vazios. Por isso a irredutível precisão dos termos.

No Brasil, esta dicção intensificada é vista como em oposição aos valores do nosso modernismo. Ou, se quiserem, da nossa tradição moderna, tão marcada pela linguagem e temática cotidiana. Assim, ela é julgada muitas vezes como formalismo estéril, ou como uma linguagem excessivamente aristocrática a ser evitada. Se isto pode ocorrer em alguns autores, a generalização é falsa, e no seu limite causa a redução do campo expressivo da poesia.

Sebastião Edson Macedo é, entre os jovens poetas, um dos que utilizam este apuro formal com maior propriedade. É emblemática em sua obra a consciência da linguagem, assim como a originalidade e a beleza imagética. Mas, como em todo poeta que se preze, há em seus textos muito mais do que experimentação formal. É só ler versos como

eu abro os rolos do vento no seu ouvido  
e na flor muito lenta trabalho  
não o seu sentido para o perfume  
que invade o teu presente e te arrasta  
mas o seu poder de chão que permanece  
mesmo no vôo do pólen na raça  
do espinho

e

para apascentar o tamanho do mundo  
e aderir aos avisos  
e suspender a invenção do dia seguinte  
tão franca a algazarra do sol  
nas crianças

só assim  
a noite pode ser simples  
e eu posso voltar  
as mãos  
para a temperatura que faz  
do lado de fora de quem somos

para perceber que há neles a necessária informação  
da experiência vivida e, o que é mais importante, a  
busca de um ethos em relação ao mundo.

Este talvez seja o grande valor da poesia, e  
certamente o mais difícil de ser alcançado: o  
de criar atuante e livre. Para isso, é necessário o  
cultivo dos sentidos através de uma abertura para

o outro, um apuro formal informado e um alto grau de autenticidade. Coisas que encontramos neste livro. Coisas de poeta. Coisas de Sebastião.



## AFINAL

publicar minha poesia é, neste momento, um gesto radical, porque desconfio do livro como lugar de legitimação do poema. porque não escrevo para publicar. eu escrevo para cumprir o intransferível movimento da vida.

vivo este livro como uma recolha: de atmosferas mais sedimentadas, de solos movediços há vários anos. ele representa, portanto, não uma fase de criação, mas seu horizonte contínuo e simultâneo. e antes de ser o lugar homogêneo onde meu tempo tão heterodoxo supostamente se harmoniza, assumo nele uma passagem iniciática que me reconduz ao tamanho do mundo.

por isso, publicar coincide inteiramente com a possibilidade de apascentar o que me fia, e aderir à enorme embebedura da experiência verbal.

por isso o chamo assim, pois só assim este livro cumpre ser uma parte do que sou: um rito, uma raiz, um pássaro.

s.



SEBASTIÃO EDSON MACEDO nasceu em 1974 em Floriano, interior do Piauí. Mora atualmente no Rio de Janeiro, onde publicou o livro *cego puro sol* na antologia *8 poetas* (UFRJ / FL, 2004).



Este  
livro foi  
composto em papel  
ultra branco 90g, com  
a fonte Briosso Pro pela  
Oficina Raquel em outu-  
bro/novembro de 2006.  
“Que este livro dure  
até antes do fim  
do mundo”



*para apascentar o tamanho do mundo*  
e aderir aos avisos  
e suspender a invenção do dia seguinte  
tão franca a algazarra do sol  
nas crianças

só assim  
a noite pode ser simples  
e eu posso voltar  
as mãos  
para a temperatura que faz  
do lado de fora de quem somos

.....

chove

chove  
em inglês

